

O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM NO CURSO DE MEDICINA *

Marcos T. MASETTO **

RESUMO: Este artigo procura discutir três aspectos que, em geral, se encontram nos cursos de medicina: a predominância que se dá ao desenvolvimento da pesquisa e da assistência ou prestação de serviços, relegando-se para segundo plano o ensino da própria ciência; a não formação pedagógica da maioria absoluta do corpo docente das faculdades; uma relação entre professor e aluno, de forma desotimizada, cada um responsável por uma função.

Entrando no assunto, abordamos os seguintes itens: no processo de Ensino-Aprendizagem o aluno é o sujeito do processo, não apenas como um profissional que se capacita, mas como pessoa na sua globalidade que continua se educando. Este nosso aluno aprende numa atitude de interação com o professor, com os colegas, com a pesquisa, com os pacientes, com a sociedade; discutimos características de uma aprendizagem significativa e, ao final, nos perguntamos sobre o papel do professor nesse processo.

PALAVRAS-CHAVES: Aprendizagem. Aprendizagem Significativa. Relação Professor-Aluno. Interação. Papel do Professor.

I — INTRODUÇÃO

Ao refletirmos sobre o processo de Ensino-Aprendizagem que geralmente acontece em nossas Faculdades ou Universidades de Medicina, chamam a nossa atenção, pela sua frequência, entre outros, três pontos.

O primeiro diz respeito à predominância que se dá ao desenvolvimento da pesquisa e da assistência ou prestação de serviços, deslocando-se para o segundo ou terceiro plano o ensino da própria ciência.

Em favor desta priorização, seus defensores argumentam que a pesquisa e a prestação de serviços, quando forte e adequadamente implantadas, se constituem nos dois maiores pilares a sustentarem um ensino médico de alto nível. Este argumento sem dúvida alguma é plenamente válido e irrefutável. Há, porém, um aspecto a ser observado: não existe uma passagem automática da pesquisa e da assistência para o ensino. Em outras palavras: poderemos ter uma pesquisa e uma prestação de ser-

* Tema debatido no Encontro Regional da ABEM-São Paulo, em 13/11/85.

** Professor Assistente Doutor do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada, Faculdade de Educação, USP.

viços avançadíssimos e um ensino médico simplesmente medíocre, se não lhe forem dadas a mesma atenção, as mesmas condições e recursos análogos aos oferecidos à pesquisa e à assistência.

Parece-me, inclusive, que esta é a situação real que vivemos em nossas Faculdades de Medicina. Os grandes pesquisadores e especialistas se encontram presentes muito mais nos serviços especializadíssimos, nos cursos de atualização e reciclagem, nos grandes congressos ou simpósios nacionais e internacionais, por vezes nos cursos de Pós-Graduação das Universidades e quase nunca nos cursos de graduação de Medicina, onde se formam os profissionais de saúde que vão trabalhar diretamente com a população. Na realidade, a pesquisa e a prestação de serviços estão desvinculados do ensino que é ministrado nos cursos de medicina.

Não se entenda com isto que defendemos uma inversão de situação: ou seja: diminuição de recursos ou condições para a pesquisa ou um rebaixamento de nível na prestação de serviços. Apenas chamamos a atenção para o fato de que se ao ensino médico não se derem condições e recursos para que ele possa colocar-se ao nível da pesquisa e da assistência, tornar-se o reflexo das mesmas, e levar a uma e outra suas contribuições, persistirá a defasagem sentida atualmente.

O *segundo* ponto diz respeito à não formação pedagógica da maioria absoluta do corpo docente de nossas faculdades. Com efeito, em sua totalidade, os professores de nossos cursos de medicina são contratados a partir de sua capacitação e especialização profissionais para transmitirem seus conhecimentos e experiências aos alunos. Implícita a crença de que "quem sabe, sabe ensinar" ou de que "sabendo fazer, automaticamente saberá ensinar". Nenhuma preocupação em se dar oportunidade e condições a estes profissionais da saúde de se tornarem também profissionais da educação, através da aquisição de uma competência básica para trabalharem com grupos de alunos, colaborando eficazmente em sua aprendizagem e na sua formação profissional. Como conseqüência, a ênfase dada nas aulas à transmissão de conhecimentos ou experiências. Julguei muito apropriada a afirmação de um professor de Odontologia que, sem dúvida, vale para a maioria dos docentes do Ensino Superior, inclusive dos cursos de medicina: "Nós somos *técnicos* colocados para dar aula, sem nenhuma preparação para sermos professores, e não sabendo nem mesmo o que é ser professor verdadeiramente".

Um *terceiro* ponto, conseqüência do anterior, diz respeito à relação entre professor e aluno. Predomina uma visão dicotômica de funções: ao professor cabe ensinar, ao aluno cabe aprender. Cada um responsável por aquela função que lhe cabe, e esperando que a aprendizagem aconteça pela justaposição dessas funções.

Esta visão dicotômica permite que o insucesso no processo de aprendizagem seja atribuído pelo professor "ao aluno que não estudou" e pelo aluno "ao professor que não soube ensinar" e ambos se sintam tranquilos

quanto ao que lhes competia fazer, julgando mesmo que cada um fez sua parte, e apesar disso a aprendizagem não ocorreu.

Em poucos momentos se experiencia a aprendizagem como resultado de uma interação entre professor e aluno trabalhando juntos, pesquisando juntos, elaborando e produzindo conhecimentos juntos, por vezes até mesmo não conseguindo ultrapassar determinadas dificuldades de aprendizagem juntos, lutando juntos numa atitude de cooperação mútua. Ainda se encontra muito enraizada a concepção dualista do processo de aprendizagem: o professor ensina, o aluno aprende.

A partir destas constatações é que vemos com grande satisfação, como educadores que somos, a preocupação constante da ABEM em desenvolver e implementar condições para a melhoria do processo de Ensino Médico no Brasil. É freqüente em seus congressos nacionais ou regionais a discussão de temas voltados explicitamente para a formação do docente, reforma curricular dos cursos de medicina, relatos de experiências didáticas em determinadas disciplinas ou situações peculiares do curso de medicina como, por exemplo, aprendizagem em ambulatórios, em enfermarias, em postos de saúde.

Além da publicação dos anais dos congressos, a revista editada pela ABEM registra, em quase todos os seus números, assuntos de caráter pedagógico. São inclusive conhecidos os cursos que ela promove nas mais diversas regiões do país procurando dar oportunidade para que os docentes das faculdades de medicina possam se formar, reciclar ou atualizar do ponto de vista pedagógico e educacional.

Entendemos então que o convite que recebemos para apresentar nossas reflexões sobre o Processo de Ensino-Aprendizagem na abertura de um Encontro Regional da ABEM de São Paulo está, mais uma vez, colocando em evidência o quanto é necessário que se repense o Ensino Médico para que ele realmente ocupe uma situação de destaque junto à pesquisa e à assistência em nossas Faculdades, formando com elas o tripé sobre o qual se sustente a formação de nossos profissionais da saúde.

II — ENTRANDO NO ASSUNTO

Refletindo agora sobre o processo de Ensino-Aprendizagem, queremos apresentar para debate alguns pontos que entendemos fundamentais:

1. No processo de Ensino-Aprendizagem, o Aluno é o sujeito e o dono do processo. A aprendizagem, qualquer que ela seja, envolve sempre mudança de comportamento ou de situação e isto só acontece na pessoa do aprendiz e pela pessoa do aprendiz. Ela é estritamente pessoal. Donde, ou o aluno aprende, ou ninguém aprenderá por ele. É importante que esta visão do aluno seja trabalhada por nós professores e também pelos alunos, tendo em vista um redimensionamento da imagem, do papel e da responsabilidade do aluno no processo de aprendizagem.

2. Este aluno é sujeito e dono do processo de aprendizagem *não apenas como um profissional que se capacita, mas como uma pessoa na sua globalidade que continua se educando*. Além de adquirir conhecimentos e informações, desenvolver habilidades lógicas, clínicas e outras próprias de sua especialização, o aluno é um ser social que precisa desenvolver seu relacionamento com os colegas, professores e profissionais de outras áreas; sua capacidade de diálogo e discussão, de comunicação de sua ciência às outras pessoas e grupos.

É um ser humano dotado de sensibilidade, afetividade, com crenças e valores próprios, assumidos por vezes desde a infância, através da educação familiar, por vezes em conflito com a descoberta de novos valores ou crenças emergentes.

O nosso aluno é um ser social que precisa encarar, discutir, rever criticamente e assumir seu compromisso com a sociedade à qual pertence, com suas necessidades na área da saúde, buscando pistas para solução e encaminhamento dos problemas existentes. É um ser humano situado e datado histórica, geográfica e culturalmente e é enquanto tal que se prepara para exercer a medicina.

O nosso aluno é um ser humano livre e, sem dúvida nenhuma, disposto e lutando por participar da história de seu povo, em seu tempo e por ser sujeito no processo, criando, propondo, decidindo e repudiando ser conduzido pelos outros ou "pelo destino".

Este é o nosso aluno: uma pessoa, não apenas um profissional que se capacita.

3. *O nosso aluno aprende numa atitude de interação*

3.1. *Interação com o professor* que dispõe de experiências, vivências, conhecimentos, informações, prática, clínica, especializações, pesquisa com tal abrangência e profundidade que dará oportunidade para excelente nível de aprendizagem por parte dos alunos.

3.2. *Interação com colegas* de sua turma e de outras turmas, por vezes de outras faculdades e até mesmo de outros cursos. Não estamos acostumados a valorizar o grupo classe como importante para aprendizagem, como se todos os alunos fossem igualmente ignorantes procurando aprender unicamente da ciência do professor. É riquíssimo o processo de aprendizagem quando se consegue que os membros de um grupo troquem informações sobre leituras ou estudos feitos por eles; quando se consegue organizar uma pesquisa ou um estudo de caso em grupo onde a equipe tenha de funcionar com toda sua pujança, toda sua criatividade, e todo seu espírito cooperativo; quando se consegue motivar a classe para intercâmbios com outros colegas de anos mais adiantados e até mesmo com universitários de outros cursos discutindo ou debatendo problemas que dizem respeito a diferentes tipos de profissionais. Imaginamos, por exem-

plo, a riqueza de aprendizagem na discussão do problema da concepção que determinados setores da sociedade têm do binômio saúde-doença, e as providências imediatas que tomam frente ao mesmo, realizada por um médico, um antropólogo, um filósofo, um teólogo e um psicólogo?

3.3. *Interação com as pesquisas* que estão sendo realizadas pelos seus professores, por professores de outras faculdades, apresentadas em seminários, simpósios e congressos regionais, nacionais e internacionais. A interação com as pesquisas indica o contato com a parte viva da ciência, com sua atualidade, com as respostas ou pistas para problemas concretos e hodiernos, com os novos caminhos para problemas antigos.

Esta interação *não significa apenas conhecer* as pesquisas realizadas por outros, significa também iniciar-se verdadeiramente em *fazer pesquisa*, durante o tempo de sua graduação, jamais entendendo que pesquisa seja privilégio ou obrigação apenas do professor ou de aluno de pós-graduação. O incentivo e a orientação para pesquisa depende muito do professor: da importância real e concreta que ele dá ao fato de seus alunos aprenderem a fazer pesquisa, de seu empenho em programar atividade de pesquisa no curso que ministra, das condições que ele cria para que seus alunos pesquem; e de seu envolvimento na orientação da mesma.

3.4. *Interação com os pacientes*. Sem dúvida nenhuma, uma das situações de aprendizagem mais ricas, completas e privilegiadas. Trata-se de uma situação real, não simulada, onde a teoria e a prática se encontram, se questionam mutuamente e produzem um diagnóstico e uma terapêutica adequada para aquele paciente concreto, com sua história de vida e suas características próprias. Situação em que o aluno aprende a diagnosticar uma doença, suas causas, indicar uma terapêutica, e aprende também como se relacionar com o doente como uma pessoa, com respeito, dignidade, seriedade e ética. Aprende quais são os valores a serem respeitados em sua profissão.

Esta é uma situação extremamente exigente do professor porque exigirá dele também uma postura completa de docente, enquanto profissional e enquanto ser humano.

3.5. Por último, *interação com a sociedade*. Juntamente com as pesquisas, as necessidades da sociedade da qual faz parte o aluno, em termos de saúde, se constituem na grande oxigenação do curso de medicina. É a identificação das doenças existentes entre a população, de suas carências em termos de saúde, de suas potencialidades em prevenir doenças quando educada para isso, das condições de alimentação e higiene do povo, de seus hábitos e costumes, de suas crenças e de seus valores que vão permitir uma análise crítica dos cursos de medicina e oferecer critérios para a revisão e reorganização dos mesmos. Na medida em que o aluno interagir com a sociedade, tanto mais ele perceberá as exigências e necessidades desta em termos de saúde, mais crítico ele será com relação ao próprio currículo da escola, e melhores e maiores sugestões poderá oferecer,

concretizando desde já sua atuação como sujeito inclusive do processo de aprendizagem.

4. *Toda aprendizagem, para que realmente aconteça, precisa ser significativa para o aprendiz, isto é, precisa envolvê-lo como pessoa, como um todo (idéias, sentimentos, cultura, sociedade).*

Isto exige que a aprendizagem:

- se relacione com o seu universo de conhecimentos, experiências, vivências;
- lhe permita formular problemas e questões que de algum modo o interessem, o envolvam ou que lhe digam respeito;
- lhe permita entrar em confronto experimental com problemas práticos de natureza social, ética, profissional, que lhe sejam relevantes;
- lhe permita participar com responsabilidade do processo de aprendizagem;
- lhe permita e o ajude a transferir o que aprendeu na escola para outras circunstâncias e situações de vida;
- suscite modificações no comportamento e até mesmo na personalidade do aprendiz.

A aprendizagem significativa apresenta dois outros resultados importantes: primeiro, quanto mais significativo o material aprendido, tanto mais rápido será o próprio processo de aprendizagem, e menos repetições serão necessárias para memorizá-los; segundo, quanto mais significativa for a aprendizagem, mais duradoura será a retenção do material na memória.

5. *Toda aprendizagem precisa ser acompanhada de "feedback" imediato.* Entendemos que a aprendizagem se faz num processo contínuo e que o "feedback" é elemento integrante desse processo, pois deverá fornecer ao aluno e ao professor dados para corrigir e reiniciar a aprendizagem. Sem estas informações contínuas, acreditamos que o processo de aprendizagem sofrerá interrupções e desvios, e correrá até o risco de não oferecer condições para que o aluno possa atingir os objetivos propostos.

6. *Toda aprendizagem precisa ser embasada em um bom relacionamento interpessoal entre os elementos que participam do processo, ou seja, aluno, professor, colegas de turma.* São características deste relacionamento o comportamento de diálogo, colaboração, participação, trabalho em conjunto, clima de confiança, o professor não sendo um obstáculo à consecução dos objetivos propostos e não sendo percebido como tal.

III — E O PAPEL DO PROFESSOR?

Compreendida a aprendizagem como acima descrevemos, o papel do professor desponta como sendo o de estimulador, orientador e facilitador da aprendizagem de seus alunos. Seu papel será o de ajudar o aluno a aprender; não é transmitir informações, mas criar condições para que o aluno adquira informações; não é fazer brilhantes preleções para divulgar a cultura, mas organizar estratégias para que o aluno conheça a cultura existente e crie cultura.

E para facilitar a aprendizagem de seus alunos, suas perguntas costumeiras, tais como: "que devo ensinar?", "como poderei demonstrar que ensinei?", "como poderei ensinar toda a matéria que devo?", serão substituídas por: "que objetivos pretendo que meus alunos alcancem?", "quais são as expectativas dos meus alunos ao virem fazer meu curso?", "como envolvê-los?", "que pretendem aprender?", "que poderei fazer para facilitar seu desenvolvimento e sua aprendizagem?". Como criar em minha disciplina um clima de trabalho cooperativo entre alunos e professor? Como criar condições para que, através de minha disciplina, os alunos se eduquem como pessoas, interajam com a pesquisa e com a sociedade?

Ao se dispor a responder a estas perguntas, o professor reconhecerá que toda a realidade humana e social se encontra num contínuo e rápido processo de mudanças e transformações, quando não de revoluções, em todos os setores da vida e atividade da comunidade humana, nos seus valores e nos seus aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais. Por isso, ao mesmo tempo em que o professor desencadeia o interesse pela pesquisa, indagação e análise de todos os aspectos da vida humana, entenderá também que a aprendizagem, antes de mais nada, exige uma contínua abertura para modificações, tanto por parte do aluno como do próprio professor.

ABSTRACT: This article aims at discussing three aspects frequently found in courses of Medicine: the emphasis on the development of research and the practical work of assistance to patients, as opposed to less emphasis on the teaching of science as such; the absence of teaching practice in the curriculum of the medical teachers; a dicotomy of the work of students and teachers, each responsible for different aspects.

The following items will be discussed: in the teaching-learning process the student is the agent of the process not only as a future professional, but as a global person whose personality is still in formation. This learned learns during the interaction with his teacher, his colleagues, with the research developed, with the patients and with the society; the features of significative learning are discussed and end up by asking what the role of the teacher is.

Key Words: Learning, Significative learning, Teacher-Student relationship, Interaction, Teacher's role
